

UMA FILOSOFIA DO AMOR NA POESIA DE EUGÉNIO TAVARES

Elter Manuel Carlos

Universidade de Cabo Verde - Uni-CV

Praça António Lereno - Praia, Santiago - Cabo Verde CP 379C

(238) 3340200 | reitoria@adm.unicv.edu.cv

Resumo: O presente estudo apresenta uma reflexão sobre a filosofia amorosa presente na poesia de Eugénio Tavares. Exímio poeta, escritor, jornalista e compositor, Eugénio Tavares (1867-1930) nasceu na Ilha Brava, Cabo Verde. Poeta do amor, bem expresso no seu bilinguismo, Eugénio Tavares soube, mediante uma versatilidade insólita, reconhecer o valor da língua Cabo-verdiana e da língua de Camões na formação da cultura literária e do imaginário socio-cultural cabo-verdiano. *A sabedoria do amor* conduziu, então, o nosso poeta a encontrar caminhos alternativos; caminhos que clamaram a cabo-verdianidade sempre procurando nesta aventura da experiência humana do sentido. E é nesta medida que pretendemos, neste ensaio, indagar sobre a dimensão filosófica do amor na poesia de Eugénio Tavares, conscientes de que a grande obra que é a sua poesia mede-se pela grandeza e permanência temporal dos seus questionamentos: a grande poesia transporta sempre uma dimensão filosófica, visto que, apesar da singularidade de cada poeta e dos mundos que cria, comporta questionamentos de índole universal.

Palavras-chave: Amor, Filosofia, Poesia.

Abstract: This study presents a reflection on the loving philosophy present in the poetry of Eugénio Tavares. Eminent poet, writer, journalist and composer, Eugénio Tavares (1867-1930) was born in Brava Island, Cape Verde. Poet of love and expressed in its bilingualism, Eugénio Tavares heard by an unusual versatility, recognize the value of the Cape Verdean language and the language of Camões in the formation of literary culture and socio-cultural imaginary Cape Verdean. The Wisdom Love led then our poet to find alternative ways; paths that cried out Verdeanness always looking for this adventure of the human experience of sense. And it is to that extent that we intend, in this essay, inquire about the philosophical dimension of love in the poetry of Eugénio Tavares, aware that the great work that is his poetry is measured by the greatness and temporal permanence of their questions: great poetry transports always a philosophical dimension, since, despite the uniqueness of each poet and worlds that creates, includes universal nature of questions.

Keywords: Love, Philosophy, Poetry.

*Ca tem nada na es bida
Más grande que amor
Se Deus ca tem medida
Amor inda é maior (...)*

Eugénio Tavares, *Morna Força de Crecheu*

*Amor e poesia, quando concebidos como fins e meios do viver, dão plenitude de sentido
ao “viver para viver”.*
Edgar Morin (2005).

Reflexão Preliminar

O presente estudo apresenta uma reflexão sobre a filosofia amorosa presente na poesia de Eugénio Tavares. Exímio poeta, escritor, jornalista e compositor, Eugénio Tavares (1867-1930) nasceu na Ilha Brava, Cabo Verde. Filho de mãe cabo-verdiana e de pai português, tendo ficado órfão de mãe logo à nascença e de pai 4 anos depois, Eugénio Tavares foi criado pela sua madrinha, Eugénia Medina, e pelo padrinho, o médico José Martins Vera Cruz, tendo sido o amor uma *presença real* na sua infância. Terá sido, talvez, este amor originário que se germinou, mesmo sem a presença dos pais biológicos, que estimulou Eugénio Tavares a fazer do amor o tema central da sua excelsa obra poética, uma ideia que está bem traduzida nas palavras do poeta: «...entre as minhas infelicidades não faltou essa suprema de eu ter aberto os olhos na vida ao mesmo tempo que ela (a minha mãe) fechava os seus no sono eterno»¹. Mas, apesar desta infelicidade inicial, continua Eugénio: *veio a ter «por milagre da bondade humana, parentes, pais, amor, tudo! Tudo, com origem no amor; nada, com origem no sangue!»*².

Poeta do amor, bem expresso no seu bilinguismo, Eugénio Tavares soube, mediante uma versatilidade insólita, reconhecer o valor da língua Cabo-verdiana e da língua de Camões na formação da cultura literária e do imaginário socio-cultural cabo-verdiano. Os seus textos, em diversos géneros literários, apresentam várias influências, onde se pode destacar o romantismo e o classicismo renascentista. O poeta legou ao Povo cabo-verdiano e aos outros cultores da língua de Camões um autêntico património espiritual que se traduz na nossa experiência linguística, histórica, estética e artística. Compositor de belas mornas, escritor de várias peças de teatro, distinto poeta, cultor de uma prosa sedutora, sem desmerecer a riqueza dos

¹ Enunciado extraído do *Jornal-revista Artiletra / de Educação, Ciência e Cultura* Ano XXIV Nº 122 / 123 Maio / Junho de 2014, Pág. IX . Este número do *Jornal-revista Artiletra* é dedicado ao Poeta Eugénio Tavares.

² TAVARES, 1999: 91.

seus contos e crônicas, Nhô Eugénio, como era sobejamente conhecido na Brava, manifesta-se como um espírito criador multifacetado que, nos distintos mundos que da sua pena se brotou, verte o ímpeto de um *eros* da linguagem, dessa *erótica da interpretação* de que nos fala Roland Barthes³.

E é assim que, desabrochando uma monumental obra poética, de apurado valor estético, vertendo a epopeia sentimental da cabo-verdianidade, Eugénio Tavares destaca-se como personagem exemplar da cultura cabo-verdiana⁴. Mas, também, das outras culturas de língua portuguesa. Indissociável de Deus, mas também do mar e da ilha, da viagem e da emigração, o amor advém como tema primordial da sua criação poética. E é pelo amor enquanto ápice norteador do existir que se manifesta a marca filosófica da sua poesia, sem esquecer a prosa poética, os contos e as composições musicais que marcam indelevelmente o Povo cabo-verdiano como povo de mornas e saudade. *A sabedoria do amor* conduziu, então, o nosso poeta a encontrar caminhos alternativos; caminhos que clamaram a cabo-verdianidade sempre procurando nesta aventura da experiência humana do sentido. E é nesta medida que pretendemos, neste ensaio, indagar sobre a dimensão filosófica do amor na poesia de Eugénio Tavares, conscientes de que a grande obra que é a sua poesia mede-se pela grandeza e permanência temporal dos seus questionamentos: a grande poesia transporta sempre uma dimensão filosófica, visto que, apesar da singularidade de cada poeta e dos mundos que cria, comporta questionamentos de índole universal. E o Amor, desmedido e transbordante, muitas vezes pautado por um certo sofrimento (que em Eugénio se explica pela ausência da pessoa amada)⁵, é

³ BARTHES, 2008.

⁴ Essa Exemplaridade explica-se pela sua criação literária (pondo em evidência as dimensões estética e histórica da língua cabo-verdiana), mas também pela sua actividade cívica como jornalista e defensor de causas sobre a justiça. E é nesta linha que Eugénio foge (exila) para a América, disfarçado e vestido de mulher, sob pena de ser preso no âmbito da conjuntura política colonial da época. Uma história, além de trágica, engraçada. A forma como este poeta descreve o trajecto nos seus poemas e na sua prosa é exemplo de genialidade e criatividade de um Homem que, não obstante a dimensão da sua dor, permaneceu activo no seu sentir e no seu pensar, em suma, dedicando um amor desmedido ao seu Cabo Verde, valorizando as nossas duas línguas.

⁵ Em Eugénio, o sofrimento não significa amor ao amor, o amor enquanto ideia somente. O caso do amor de Eugénio por Kate é exemplar quando se refere ao sofrimento amoroso e ao medo que traz o desejo de amar. Na sua estadia no Mindelo, Eugénio Tavares, com 18 anos de idade, acaba-se por apaixonar por Kate, jovem norte-americana, em excursão com o pai. Entretanto, este não aprova o namoro entre os dois jovens e parte de iate para a América, surpreendendo o poeta. Eugénio, afirma Artur Viera (2007: 97) «*perscruta o horizonte desesperado, e produz a célebre canção “Mar Eterno”*». José Neves Vicente, um jornalista, escritor e investigador cabo-verdiano, dedicou um pequeno livro, um conto, intitulado de «*Ms. Kate – Um Amor de Eugénio Tavares*». Este conto, retratando este episódio verídico que aconteceu na vida de Eugénio Tavares, acaba por entrelaçar a realidade e a ficção, ajudando o leitor a imaginar como teria sido este amor entre Eugénio e Kate.

presença real na sua poesia, interrogando e clamando o leitor da arte literária a presentificar na sua vida vestígios desta leveza e tranquilidade motivada pelo amor, mormente nos tempos hodiernos onde o *amor* vem ganhando a configuração daquilo a que Zygmunt Bauman denomina de *amor líquido*⁶.

Nestes termos, o *mundo da obra* poética de Eugénio Tavares, e vê-lo-emos mais adiante, poderá funcionar como impulso cativante e enobrecedor para a regeneração do amor enquanto *presença real* no espírito do homem e da mulher do século XXI, bem como cativa-los a aproximarem-se de Deus mediante uma experiência mística fundamental. No fundo, a sua poesia manifesta-se como forma de fazer clamar ao *amor* num mundo onde o humano é cada vez mais subjugado à lógica de linguagens unidireccionais e instrumentais, linguagens que resvalam o humano numa consequente *fragilidade ontológica*, restando-lhe, como dizia Paul Ricoeur, apenas a *força da sua palavra*⁷. Essa palavra, anunciada e pronunciada, sempre movida pelo amor foi, a nosso ver, o desígnio de Eugénio Tavares, ele que fez da sua existência, ainda que confrontada pela constante inquietação face à experiência do limite, um autêntico acto de procura de amor. Se a dor fez de Eugénio o *seu refúgio*, a *sua catedral* (para utilizar uma expressão de Artur Vieira), não se pode esquecer que, no amor, o poeta criou um *mundo místico* desejoso de plenitude⁸. O amor como desejo, motivação e sentimento impulsionador de uma vida que, condignamente, procure um sentido que a explique na sua plenitude: e é aí que entra Deus, sempre indissociável desse amor regenerador de vida.

Ainda que o nosso foco de análise se concentra no recorte poético⁹, temos a plena consciência de que o tema do Amor encontra-se presente em outros géneros literários por Eugénio cultivados, nomeadamente nas suas composições musicais, destacando as mornas *Mal de amor*, *Mar eterno*, *Hora di bai*, *Morna de aguada*, *Força*

⁶ BAUMAN, 2004. Refere-se aqui a insegurança que vivemos hodiernamente a nível individual, social política, onde a ausência de estabilidade e segurança é cada vez mais marcante. Bauman nos dá uma lição sobre o facto de o homem contemporâneo demonstrar uma certa incapacidade de afirmar laços, permanecendo e resvalando tudo na lógica do descartável e da rapidez do tempo. Na verdade, o amor pela causa, pelo próximo, pelo cônjuge, enfim, o amor em geral fragmentou-se. Parece que o egoísmo contemporâneo fala mais alto. Ora, nesta lógica, Eugénio Tavares, pela criação estético-literária e pela ação cívica que desenvolveu em prol de Cabo Verde (que também fez-se obra), é um exemplo paradigmático do amor, não só ao seu país, mas também, ao amor entre dois seres humanos que procuram projectar-se na existência, tendo a presença de Deus como fundamental. Logo, o amor em Eugénio é um Amor total.

⁷ RICOEUR, 1993: 71.

⁸ VIEIRA, 2007.

⁹ TAVARES, 1996. Ora, para este estudo baseamos na complexa recolha de poemas, contos e teatro elaborada por Félix Monteiro e organizada por Isabel Lobo, publicado em 1996.

de cretcheu, Despedida, Morna de Nha Santa Ana, etc., bem como nos contos, no teatro e na prosa. Procuramos, sempre que necessário, insistir no valor temporal dos questionamentos presentes na obra deste ilustre poeta e compositor. Entre outros textos que versam sobre a temática do amor em Eugénio, revela-se fundamental, para este estudo, o ensaio de Gabriel Mariano intitulado de *“Amor e Partida na Poesia Crioula de Eugénio Tavares ou a Inquietação Amorosa”*. Este brilhante ensaio do escritor e crítico literário, Gabriel Mariano, destaca-se como uma das reflexões mais profundas sobre o amor na poesia de Eugénio Tavares, chegando mesmo a esclarecer a comparação do amor na literatura ocidental (que influenciou o amor em Eugénio), destacando, simultaneamente, as peculiaridades de um amor crioulo e tropical de que Eugénio é um poeta exemplar.

Somos sensíveis a reconhecer Eugénio Tavares como um poeta que soube antecipar, projectar e construir mundos, tendo sempre o amor como caminho. E daí, o conceito e a vivência do amor em Eugénio ser de enorme complexidade, comportando um sentido filosófico visível, não só porque o amor é tema pensado por inúmeros filósofos, de que Platão é um dos exemplos paradigmáticos, mas, também, pela forma como coloca e vivencia à questão do amor. Um amor que de Deus provém e a Ele se retorna, embora *este Amor seja maior do que o próprio Deus*. Daí que Eugénio é digno de ser considerado, sem qualquer margem para dúvidas, um dos melhores escritores cabo-verdianos de todos os tempos, bem visível pela forma como a sua pena soube traduzir a alma do Povo de Cabo Verde em várias manifestações de sentido, pela sua personalidade multifacetada que dominou com mestria a língua cabo-verdiana, reconhecendo-a, mesmo em tempos sombrios, plasticidade estética e valor histórico-social.

A Dimensão Filosófica do Amor em Eugénio Tavares

Se o tema do amor emerge como central na poética Eugéniana, parece-nos irrecusável compreender como o amor por ele vivenciado e idealizado transcende a mera relação entre os amantes, uma relação onde o amor conduz à benevolência e ao desejo de querer bem a pessoa amada, para se inscrever no horizonte mais amplo da ilha natal e da Terra-mãe, do seu Povo e da sua cultura, tendo sempre presente Deus como elevação espiritual, fonte e origem do amor. E esse amor à Terra-mãe inscreve-se no *desejo de não partir*. O sujeito quer permanecer na sua terra. *Não quer partir:*

Expressa o poeta da Brava: «*Hora de bai / Hora de dor / Já'n q'ré / pa el ca manche! / De cada bêz / Que 'n ta lembrâ / Ma' n q' ré / Ficâ 'n morrê!*»¹⁰.

Eugénio faz mostrar que a partida, para ele, tem o sentido de morte. Mas, o regresso, tem o sentido de ressurreição. Logo, simbolicamente, trata-se de morrer para salvar a vida. De morte como possibilidade de renascimento. E daí, num outro poema onde transparece claramente a cultura da corporeidade do nosso povo (e daí o seu amor chamar-se *crecheu* – um amor cabo-verdiano), Eugénio mostra-nos como o *corpo que é escravo vai*, mas no regresso junta-se com *a alma que fica*. A alma que é viva fica! Canta o poeta na morna “*Morna de Despedida*”: «*Corpo catibo / Bá bo que é escrabo / Ó alma bibo / Quem que al lebabo?*»¹¹. No fundo, a procura de liberdade é notável. O corpo, ainda que idealmente, poderá separar-se da alma e emigrar-se (ou exilar-se). Já a alma, permanece presa nas suas raízes. E é apenas no regresso que se dá esse reencontro. O corpo funde-se na sua *própria* alma (própria tem o sentido de *identidade*, cultura). Ou seja, o corpo re-encontra-se com a Terra natal: sua alma¹². O amor deixa, então, de ser meramente um amor entre o homem e a mulher que se amam para passar a ser, também, um amor entre este(s) e a sua Terra: sua alma. Daí este amor prender-se com a própria ideia de justiça, de uma justiça centrada na liberdade, onde, pelo amor à sua Terra, o sujeito é capaz de lutar com a arma da palavra e da acção cívica. E é neste sentido que Eugénio Tavares acaba por materializar um exemplo paradigmático daquilo a que Paulo Ferreira da Cunha, num brilhante estudo, apelida de uma *filosofia da justiça na poesia cabo-verdiana*¹³.

A forma complexa como Eugénio Tavares concebe o amor é um exemplo vivo da complexidade temática do tema, pois tratando-se de um conceito bastante polissémico, o amor não se reduz à mera dimensão conceptual. Aliás, é por isso que não existe (e não parece possível existir) uma definição consensual sobre o que é o Amor. Talvez seja mais fácil argumentar sobre a sua carência no mundo hodierno, onde o pensamento de Eugénio Tavares aparece, sem dúvida, como exemplar e inspirador, do que sobre a sua definição, embora, contraditoriamente, falar sobre algo parece exigir, em primeiro plano, a sua própria definição.

¹⁰ TAVARES, 1999: 115.

¹¹ TAVARES, 1999. 115.

¹² Ver o capítulo sobre “*Poética da Criação Pictórica: Pensamentos com o Quadro Resistência de Kiki Lima*”. A relação /dimensão narrativa entre os dois quadros “*Chegada animada*” e “*Partida*” do pintor cabo-verdiano Kiki Lima poderá manifestar-se como exemplo concreto dessa relação corpo-alma na poesia de Eugénio Tavares.

¹³ FERREIRA DA CUNHA, 2013.

A dificuldade de definição e captação do centro de irradiação do amor poderá ser explicado no facto de o amor chegar mesmo a incluir, segundo a mensagem bíblica, a própria transcendência absoluta: “*Deus é Amor*” (I, João I, 18)¹⁴. A Filosofia, a Teologia, a Psicologia, a Biologia, a Cosmologia, a Arte, a Sociologia, a História, têm uma palavra a dizer, não esgotando, mesmo assim, o amor em nenhuma destas leituras, nem tampouco no somatório das mesmas. O amor, devido a sua dimensão transcendente, escapa a qualquer tentativa de definição cabal. Transcende a mera dimensão sensível e inclinação natural para se inscrever (e nota-se vivamente este aspecto em Eugénio Tavares) na interioridade dos sujeitos implicados, na sua intimidade com Deus. Pois, em Eugénio, o amor é o caminho para se chegar à Deus.

Retomando a nossa linha de pensamento sobre a abrangência do termo amor, torna-se fundamental trazer para o debate as suas principais raízes. As próprias raízes do amor acabam por traduzir essa complexidade. As raízes *Grega* e a *Judaico-cristã ou bíblica* aparecem como as duas principais matrizes do amor na Cultura Ocidental¹⁵. De uma *força cósmica e antropológica*, a primeira, à uma *característica divina essencial* que tem no homem o seu objecto, a sua imagem e o seu reflexo, a segunda, o amor manifesta-se nas suas dimensões matriciais. *Eros* e *Ágape*, duas linhas de força que surgem, se aproximam, se combatem, se distanciam, oferece-nos como campo de compreensão do conceito de amor¹⁶, se bem que, Eugénio Tavares, ao conceber o amor como algo criado por Deus e, simultaneamente, condição para alcançar o reino de Deus, parece mais próximo de *Ágape* do que *Eros*, embora dando-lhe, naturalmente, a tonalidade cabo-verdiana de um amor tropical, bem representada na palavra *Crecheu*:

Crecheu más sabe,

É quel que é de meu.

El é que chabe

*Que abrim nha ceu...*¹⁷

¹⁴ ANTUNES, (s/d).

¹⁵ ANTUNES, 1997.

¹⁶ É assim que, quanto ao *Eros Grego*, nota-se já em Hesíodo e nos Órficos, essa força poderosa que domina os elementos do Universo (deuses e homens), bem como força poderosa contrária ao ódio, que se manterá em Empédocles, unificando os quatro elementos – ar, água, terra e fogo – da desagregação que os levara o ímpeto contrário. Por seu turno, Platão, dará ao amor uma força antropológica impar, o que viria a ser posteriormente retomado por Aristóteles, os Estoicos e, principalmente, os Neoplatónicos (ANTUNES, 1997).

¹⁷ TAVARES, 1996: 11. *Crecheu* tem o sentido cabo-verdiano, de um amor tropical, embora com influências Ocidentais, onde o *Ágape* parece sobrepor-se ao *Eros*.

De origem predominantemente helénica, *Eros*, realidade humana e cósmica que traduz uma fundamental finitude, assume quase desde os começos tripla função: *unitiva* e *fruitiva* em Homero e Hesíodo, assim como a *perfectiva* elaborada por Platão, um dos grandes teorizadores do amor no pensamento Ocidental, principalmente nos diálogos *Banquete* e *Fedro*. *Amor e beleza, amor e bondade, amor e unidade*, na perspectiva de Platão, correspondem-se e postulam-se¹⁸. E é assim que, em Platão, o amor é ascensional, pautado por uma *dialéctica ascendente* de movimento progressivo, sendo, assim, uma aspiração ao *belo* e ao *bom*, portanto, ao absoluto. Já no que tange ao *Ágape*, situando-se contrariamente ao amor clássico, afirma o primado da *positividade*, da *vontade* e da *liberdade*, opondo-se a certas doutrinas ou atitudes¹⁹. De todo o modo, a história do amor no Ocidente é uma marca destas duas matrizes. Matrizes que, não obstante as suas origens em outras latitudes, manifestam-se a sua presença na cultura cabo-verdiana, essa cultura híbrida, fruto da interpenetração de valores oriundos de povos culturalmente diferentes, tendo nascido assim uma cultura singular com traços universais, onde se encontra diluída valores destes diversos povos e culturas que participaram na sua formação social. E é neste sentido que a cultura cabo-verdiana acaba por transportar os efeitos tanto da matriz tropicalista como das matrizes judaico-cristã e greco-latina²⁰.

Aliás, o ensaio de Gabriel Mariano acima supramencionado, ao eleger como tema, “*Amor e Partida na Poesia Crioula de Eugénio Tavares ou Inquietação Amorosa*”, traz à reflexão as principais diferenças entre o amor na literatura ocidental e na literatura cabo-verdiana, deixando revelar as influências do amor ocidentalmente concebido na nossa cultura crioula. Nestes termos, diz-nos o escritor e crítico literário que:

*Essa poesia em crioulo permite ao estudioso a pesquisa do modo como certos motivos essenciais do lirismo medieval e renascentista europeus se inseriram no corpo de ideias e sentimentos, integradores da personalidade cultural cabo-verdiana, e puderam, familiarmente, ser veiculados por um instrumento linguístico de criação extra-europeia, como é o crioulo*²¹.

Ora, pelo que se pode compreender pelo exposto, parece-nos impossível enquadrar o Amor no nosso ilustre poeta e compositor, Eugénio Tavares, ele que não deixa de ser

¹⁸ ANTUNES, 1997.

¹⁹ ANTUNES, 1997.

²⁰ «*Alicerçada numa matriz tropicalista, mas também judaico-cristã e greco-latina, a cultura cabo-verdiana possui características singulares e universais, polarizada em dois extremos que lhe dão cunho de universalidade*» SPINOLA, 2004: 15.

²¹ MARIANO, 1991: 125.

«um grande místico do amor [que] exalta, enaltece e chega a divinizar o amor com uma intensidade visível à primeira leitura»²², sem se recorrer a estas influências universais presentes na nossa Cultura. Naturalmente que o amor em Eugénio, um amor crioulo – o *Crecheu*, tenha peculiaridades do seu espaço geográfico – a ilha, a Nação em construção, a emigração e o exílio, sem esquecer as peripécias de um amor de Eugénio por Kate, um amor que *acabou por morrer antes de nascer*, tendo marcado profundamente a sua vida. Em suma, fala-se num amor que traz as marcas da singularidade do poeta e de seu espaço geográfico preñado de vicissitudes e de *situações-limite* que marcaram o seu pensamento e a sua ação moral e cívica²³.

É fundamental compreendermos ainda que, em Eugénio, o amor é algo de compartilhado. Trata-se de um amor onde o Eu (a identidade) se comunga com o Outro (a alteridade) mediante uma experiência mística fundamental. Trata-se de um amor total, baseado no respeito à alteridade da pessoa amada, um autêntico convite a juntos viajarem para o encontro com Deus. Mas sempre juntos, assim como as pombas quando se amam. Escutemos a voz de Eugénio no poema *As Pomba*:

*Eu amo as pombas mansas, amorosas,
Pousadas nos telhados, ou voando
Aos pares, como pétalas de rosas
Que o vento pelos ares vai levando.
As pombas quando se amam em casal!
Se o macho voa, a fêmea logo parte*²⁴.

Ora, em Eugénio o amor conduz à salvação. Eleva os amantes à transcendência, sem no entanto, perderem de vista o plano da vivência sensível e concertado amor. Não é por acaso que sofrimento amoroso em Eugénio Tavares significa ausência física da pessoa amada, não sendo, na óptica de Gabriel Mariano, o amor em Eugénio cantado como,

ideia pura, separável do ente que o determina e que é seu objecto. Tão-pouco – continua Gabriel Mariano – *Eugénio canta a mulher independentemente de ser ou não amado*

²² MARIANO, 1991: 126.

²³ É curioso verificar que Eugénio Tavares, mesmo não tendo tido grandes estudos a nível académico, devido a extinção da Escola da sua Vila, conseguiu ser um grande escritor e poeta bilingue. Ainda que não tenha passado pelo Seminário Liceu de São Nicolau (assim como comprovam algumas fontes), veículo e difusor da cultura latina, como acontece com outros escritores e poetas, Eugénio Tavares revela-se num grande autodidata, graças à biblioteca da família Vera Cruz que cultivou desde a sua infância, bem como ao Padre António de Sena Barcelos (entre outras personalidades da época) que o terá ensinado e ajudado a terminar a instrução primária.

²⁴ TAVARES, 1996: 72.

por ela. Rigorosamente, Eugénio exalta o diálogo amoroso. Nele, o amor é um sentimento que exige reciprocidade, que só se actualiza em colóquio²⁵.

Pois bem, como se pode ver, em Eugénio, ainda que o amor seja criação divina e caminho para se chegar a Deus, o que lhe aproxima das concepções neoplatónicas²⁶ acerca do amor, não deixa de ser um sentimento recíproco e partilhado entre os amantes, distinto de qualquer esforço de *espiritualização da amada* como acontece com grandes místicos do amor, tais como Camões, Dante, ou Petrarca²⁷. A mulher, em Eugénio, não é comparada idealmente a uma semi-deusa sensivelmente intocável. E é, por isso mesmo, que Eugénio canta o seu *Crecheu*. Exige amavelmente a sua presença. Sua presença real. O seu *crecheu*, em vez de resumir-se a um plano abstracto e impessoal, abre-se a um plano concreto, dialógico e recíproco. E quando não é possível essa presença dialógica e recíproca entre os amantes, vem o sofrimento. Tal como canta o nosso poeta-compositor: «*Crecheu mas sabe / É quel / Que q' rem... / Se já'n perdel / Morte já bem...*»²⁸.

Ora, a ausência da pessoa amada, tendo o sentido de «*morte já bem...*», é sinónimo de sofrimento e de medo. Note-se aqui uma certa proximidade com Santo Agostinho, bem espelhada nas palavras de Hannah Arendt em “*O Conceito de Amor em Santo Agostinho*”, quando a filósofa refere-se ao facto de o amor em Agostinho transformar-se em medo:

«*As pessoas não têm dúvidas de que o medo tem apenas por objecto a perda do que amamos, se o obtivermos, ou a sua não-obtenção, se o esperarmos obter. Do querer possuir e do querer manter o desejo nasce o medo da perda*»²⁹.

Eugénio, um poeta crioulo, tem medo de não ter correspondência e presença sensível do seu *crecheu*. Não basta amar sem ser amado. A amar e ser amado é condição para se chegar a Deus, arquitecto do Amor. Como se pode daqui concluir, em Eugénio, o amor é condição da felicidade. Mas de uma felicidade compartilhada, uma felicidade que não se reduz a mera dimensão corporal. A felicidade abre-se a dimensão espiritual, capaz de aproximar as pessoas que se amam, de modo a poderem alcançar o reino dos céus. De modo a poderem ver *Nosso Senhor*:

Ó força de crecheu,

²⁵ MARIANO, 1991: 128.

²⁶ Ora, os Neoplatónicos não concebem Deus inferior ao amor. Embora a primeira vista parece que Eugénio concebe o amor superior a Deus, há sempre espaço para interpretarmos esse amor como o próprio Deus: *Deus é amor*.

²⁷ MARIANO, 1991: 132.

²⁸ TAVARES, 1996: 112.

²⁹ ARENDT, s/d: 18.

Abri'n nha asa em flor!
Dixa'n alcança ceu
Pa'n bá oja Nós Senhor,
Pa'n bá pedil semente
De amor coma es de meu,
Pa'n bem da todo gente,
Pa todo conché ceu^{30!}

O amor partilhado ascende ao Céu. Ascende à presença de Deus, sem, no entanto, diluírem-se (os amantes) em Deus esquecendo-se de si. Dessa unicidade que os dois formam no próprio amor. Eugénio deixa claro que o Amor, criado por Deus (pois, é *Deus que fazel, el câ condenal*) é maior que o próprio Deus³¹. Ainda que haja uma relação dialética entre Deus e amor em Eugénio, é interessante verificar que, «*Se Deus ca tem medida / amor inda é maior...*». Pode-se *perder a fé em Deus, mas nunca no amor*. Esta afirmação é tida como uma heresia na religião cristã. Escutemos como poética e sabiamente, o escritor Gabriel Mariano, aborda esta primazia do amor sobre Deus:

(...) Eugénio Tavares, atinge, insuspeitadamente, o supremo escândalo: O Amor é maior que Deus. (...) Magnífica Heresia: viril confrontação. O Amor absorve a própria divindade. Claridade Solar. Meio-dia em Caboverde³².

Pois bem, Deus pôs a ideia de amor no sujeito, permitindo-lhe amar e caminhar para Ele. Entretanto, o amor, acaba por ser maior que Ele. Que queria Eugénio comunicar com este muito citado verso? Com esta morna, “*Força de Crecheu*”, que acaba por ser uma espécie hino do nosso Povo? Será mesmo o amor maior que Deus? Não será que, Deus acaba por estar em primeiro plano ao colocar o amor no sujeito? Eugénio, assim como outros grandes poetas e pensadores, deixa espaço para contradições. Contradições que, pelas reflexões que alimentam, continuam sustentando o seu pensamento. E o mais desafiante é o convite que nos faz para cultivarmos este amor que Deus em nós colocou de modo a sentirmo-nos activos. E mais desafiante ainda é como convida o cabo-verdiano a amar a sua Terra-mãe. A sua Cultura. Assim como Eugénio amou, lutando contras as adversidades face a experiência do limite.

Bibliografia

³⁰ TAVARES, 1996: 72.

³¹ TAVARES, 1996: 72.

³² MARIANO, 1991: 134.

- ARENDR, H. (s/d). *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*, Lisboa: Instituto Piaget.
- BARTHES, R. (2008). *O Prazer do Texto*, SP: Perspectiva.
- BAUMAN, Z. (2004). *Amor Líquido - Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*, RJ: Zahar.
- CARLOS, E. M. (2013). "Literatura, Identidade e Alteridade: a Singularidade da Leitura de um Olhar Caboverdiano.", in Sales & Feldens (Orgs), *Arte e Filosofia na Mediação de Experiências Formativas Contemporâneas*, Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará.
- FERREIRA DA CUNHA, P. (2013). «Valores Juspolíticos Supremos na Poesia Caboverdiana em Demanda de uma Filosofia da Justiça de Cabo Verde», in Natário, M.C. (coord). *Geometria do Caos – Encontros Sobre Filosofia e Literatura*, Porto: Cultureprint.
- ANTUNES, M. (1997). «Amor», in LOGOS (1997) *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Ed.Verbo, Vol.I.
- ANTUNES, M. (1997). «Amor», in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Nem Martins; Ed.Verbo, Vol.I.
- MARIANO, G. (1991). *Cultura Caboverdiana – Ensaio*, Lisboa: Veja.
- MORIN, E. (2005) *Amor Poesia Sabedoria*, RJ: Bertrand.
- RICCEUR, P. (1993). «É importante manter, desde já, a dimensão política da educação», in Kechikian, A. *Os Filósofos e a Educação*. Edições Colibri : Paideia.
- SIMARD, D. (2006) «Educação e hermenêutica» in Carvalho, A.D. (coord) (2006). *Dicionário de filosofia da educação*. Porto: Porto Editora.
- ZAMBRANO, M. (1996), *Filosofia y poesía*, México: FCE
- Jornal-revista Arletra / de Educação, Ciência e Cultura* Ano XXIV Nº 122 / 123 Maio / Junho de 2014.
- SPÍNOLA, D (2004). *Evocações*, Praia: INBL, Vol. I.
- SOBRINO, G.R (2010). *Eugénio Tavares: Retrato de Cabo Verde em Prosa e Poesia*, SP: USP.
- TAVARES, E. (1999). *Eugénio Tavares – Viagens, Tormentas, Cartas e Postais*, Recolha, Organização e Notas Biográficas de Félix Monteiro. Prefácio de Manuela Ernestina Monteiro, Praia: ICLD.
- TAVARES, E. (1996). *Eugénio Tavares – Poesia, Contos, Teatro*, Recolha de Félix Monteiro, Organização e Introdução de Isabel Lobo, Praia: ICLD.
- VIEIRA, A. (2007). *Eugénio Tavares – Palco de Dor e Amor (Teatro)*, IBNL: Praia.